

---

O HOMEM FIM DE SÉCULO

---

*António Manuel Bettencourt Machado Pires*

---

## O HOMEM FIM DE SÉCULO (\*)

---

Nos finais de século e muito mais nos finais de milénio, o Homem coloca sempre agónicas perguntas sobre o porvir: dúvidas ou inquietações do inconsciente colectivo sobre a própria condição humana perante a História e perante o Tempo. Talvez que de todos os mitos o mais temível seja o de Cronos devorando os próprios filhos, isto é, o Tempo destruindo fatalmente tudo aquilo que ele próprio criou. Resta pois, para além da norma mais fácil e aliciante do *carpe diem* — gozar o dia que passa — celebrar o passado ou emigrar, com esperança ou com temor, para o futuro. Um pouco como se dissesse: em tempo de crise, ou messianismo ou apocalipse. Mas nem só de extremos vive o Homem...

Estamos num fim de século e num fim de milénio.

A actual geração tecnológica dos anos 90 herdou valores e modos de vida que duas guerras mundiais ajudaram a criar: a democratização do ensino, a força da comunicação social, a generalização do trabalho feminino, novos padrões de convivência e conseqüente derrocada de certos formalismos e tabus, uma nova e também mais instável relação emprego-família, um consumismo crescente, enfim, uma aceleração do ritmo de vida e do processo histórico, à escala universal. A democratização do ensino levou à expansão das universidades e ao maior acesso ao ensino superior; o desenvolvimento crescente da comunicação social levou, por sua vez, à universal circulação de notícias e a um grande poder de influenciar a opinião pública. O homem da segunda metade do séc. XX é um ser eminentemente social, cuja intimidade e individualidade se perdem na multidão e no chamado interesse da comunidade.

Começou no século passado esta marcha do homem para a sociedade e para um mundo *social e universal*.

---

(\*) Conferência inaugural proferida no Instituto da Defesa Nacional, em 11 de Novembro de 1992, na Sessão Solene de Abertura do Curso de Defesa Nacional 1992-1993.

O século XIX abolira as fronteiras da Europa culta e erigira o comboio em símbolo do progresso universal. Em 1837 os parisienses celebram épico-liricamente uma linha brilhantemente inaugurada:

«C'est la locomotive haletante et coquette,  
Un doux parfum se mêle à ses blanches vapeurs»  
(...)

A velocidade moderada da velha locomotiva era então uma vertigem de triunfo para o homem saído da milenária dependência dos animais de tracção e transporte — o que levou Unamuno a dizer que, se não tivesse sido inventada a máquina a vapor, metade da Humanidade acabaria por ter de andar com a outra às costas...

O homem passava a dispor de forças controláveis e de energia resultante da transformação da Natureza, ainda que novas escravaturas de proletariado tivessem sido instituídas. Para que o entediado Jacinto do 202, em Paris, debicasse os seus morangos com *chantilly* e vivesse rodeado de inventos e máquinas, era preciso — dizia-lhe o seu amigo e bom português Zé Fernandes — fazer cada dia mais um pobre... Mas Jacinto era apenas um típico utente da Civilização que vinha para mudar definitivamente a face da Terra. O primeiro barco a vapor, o *Savannah*, atravessara o Atlântico já em 1819, a primeira locomotiva é dos anos vinte (em Portugal só em 1856); mas o triunfo do comboio é tão grande que em 1880 um vagão-imprensa numa linha férrea através de todos os Estados Unidos vai distribuindo as notícias, recebidas pelo telégrafo em cada estação...

Não admira, pois, que neste século XIX que conquistou a viação acelerada e inundou o mundo de linhas férreas, Jacinto, no 202 em Paris, esteja rodeado de todos os inventos e confortos possíveis da Era Mecânica. Contemporâneo, aliás, das construções prodigiosas em ferro do Eng. Eiffel, «le magicien du fer» (como lhe chama Edouard Poncetton), Jacinto assistira do Odeon à Sorbona ao triunfo do Positivismo e acreditara que a Suma Ciência  $\times$  Suma Potência = Suma Felicidade... Com ele, outros, muitos outros, cientistas, escritores, artistas sociólogos (a Sociologia acabara de chegar com o Positivismo comteano...), acreditaram então que a Ciência (de observação totalmente *positiva*) traria definitivamente a felicidade ao Homem.

A crença na felicidade pela Instrução («source du bonheur», diria Voltaire), era agora substituída pela crença na Ciência. O homem das Luzes

dava agora lugar ao homem da Ciência positiva, da qual sairia o triunfo da Era Mecânica e da civilização do ferro. Acreditava-se então em *leis* «naturais» do comportamento humano, na vitória do Positivismo como «Religião do Futuro», no peso determinista da hereditariedade, do momento e do meio. Os parâmetros de comportamento e as «explicações» de felicidade ou de infelicidade do homem ficavam agora nas mãos dos médicos e nas teses de Comte, Hartmann, Taine, Proudhon, Darwin, devidamente documentados na literatura «de tese» como a de Flaubert, Zola, Goncourt, onde há necessariamente médicos, influências mórbidas, fatalismos do sangue e da sensibilidade herdada, principalmente nas mulheres. Entre nós, o genial Eça de Queirós castiga as mulheres da geração *romântica*, leitoras de romances sentimentais, inebriadas pela música e pelo entrecho «ultra-romântico» das óperas de Verdi (Luísa ouve e toca a *Traviata*). Portugal participa a seu modo nessa crença cientificista na felicidade, não só nas teorias revolucionárias proudhonianas dos idealistas do Casino (1871) ou em algumas revistas (*Positivismo*, por exemplo, publicada no Porto entre 1878 e 1882 e dirigida por Teófilo Braga e pelo jovem médico Júlio de Matos), mas também em romances menos conhecidos, como os de Teixeira de Queirós e o seu famoso Galvão, personagem que, em vários romances da «série da cidade», anuncia o triunfo do *artificial* sobre o natural, fala em inventos fabulosos, em passeios rolantes, em ovos artificiais, em elevadores rápidos como tiros e numa ponte sobre o Tejo...! Mas não foi sequer um Júlio Verne português e os romances de Teixeira de Queirós ficaram-se por um universo pequeno-burguês de divulgação naturalista e estrutura romanesca balzaquiana.

A genial peripécia que levaria Jacinto de Paris a Tormes n' *A Cidade e as Serras* iria simbolizar a decadência do Positivismo e o fim da Era Mecânica. No 202 abandonado e visitado por Zé Fernandes, nota-se que no gabinete de Jacinto «desaparecera aquela confusão de instrumentozinhos», (...) só a Mecânica sumptuosa, por sobre peanhas e pedestais (...) reluzia (...) de uma frieza inerte, na inactividade definitiva das coisas desusadas, como já dispostas num Museu, para exemplificar a instrumentação caduca de um mundo passado». Depois da crença no domínio total das forças da Natureza como realização de felicidade, o homem dos finais do século XIX, há um século, exigia alguma coisa mais do que ciência e matéria. Esperava-se, como acontece com Zé Fernandes no fim da obra de Eça, que «outros homens, com uma compreensão mais pura e exacta da Vida e da Felicidade (...) encolhe(ssen)

desdenhosamente os ombros ante a grande Ilusão que findara (...)» (1). Foi precisamente há um século, em 1892, que Eça fez aparecer o conto «Civilização», embrião d'*A Cidade e a Serras* (1901). Mas as preocupações idealistas antipositivistas do homem finissecular ecoam, por exemplo, em várias das suas crónicas para a *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), nos anos noventa. No conhecido artigo «Positivismo e Idealismo» (1893), fala da nova atmosfera idealista em Paris e no mundo, na nova arte impressionista e nos novos acenos estéticos do simbolismo, que talvez não tenha compreendido ainda totalmente. Mas estéticas e atitudes demonstram agora as novas sensibilidades do homem finissecular, farto da crença na felicidade pela Ciência e pelo Experimentalismo. Esgotara-se o modelo do *homem experimental* e do *romance experimental* de Zola e a Humanidade comovia-se agora diante dos exemplos contados por Tolstoi, por Dostoievsky, ou simplesmente perante o grande exemplo de S. Francisco de Assis, cuja vida é narrada por Paul Sabatier. Outros ainda emigravam para o espiritismo e para as ciências ocultas, em busca de uma felicidade que a Era Mecânica não dera. Mas o autor do «S. Cristóvão» preconizaria uma caridade activa e franciscana, à Cardeal Manning, «um S. Paulo e um Karl Marx», «um Santo Moderno», como lhe chama numa crónica dos anos 90 (2).

O final do século XIX haveria de ser atormentado pelas consequências do «excesso» do esforço da própria civilização da máquina. Além do desencanto e da dúvida metafísica que, através da era *positiva*, haviam perseguido espíritos nobres como o nosso Antero, o homem do século XIX caiu ainda num estado de decadência física e nervosa, a que chamou *degenerescência*, e que erigiu em matriz estética e pretexto de romance e poesia. Esta *nevrose*, que invade a galeria das personagens romanescas e timbra a vivência dos poetas (simbolistas, decadentistas, «degenerescentes»), é mais uma reacção da Humanidade à crença nos seus próprios mitos de felicidade frustrada e o preço de uma felicidade ingénua e «artificial».

A essa sensibilidade exarcebada ou mórbida do fim do século XIX chamaram então alguns ensaístas e estudiosos (Max Nordau, por exemplo) *degenerescência*, «diátese de sensibilidade», «sensibilidade *fin de siècle*», na expressão francesa original: excesso de sensibilidade, gozo desenfreado.

(1) *A Cidade e as Serras*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia, cap. XVI, p. 23.

(2) «Um Santo Moderno», in *Notas Contemporâneas*.

quebra de preconceitos e regras, modas aberrantes, atitudes excêntricas. Para alguns também essa decadência ou «desvio» estava atingindo a Humanidade inteira e verificava-se de maneira especial nos artistas, cuja *blague* e truculência lúdica parecia a alguns espíritos positivistas verdadeira loucura. Lúdica ou não, a verdade é que a Arte foi um dos principais signos da «degenerescência» *fim de século* e forma de se evadir pela estesia e pelo «excesso» do materialismo simplista e da própria dor de existir. Para Shopenhauer só a Arte é supremo consolo, porque ela permanece e triunfa contra o Tempo; a juventude passa, só a Beleza artística permanece, tal é a tese d'O *Anel de Polícrates* de Eugénio de Castro, um simbolista que, entre nós, imita o simbolismo francês.

*Fim de século* foi mesmo para alguns sinónimo de *fim de raça*, a tal ponto uma sensibilidade mórbida se patenteava na Arte e no quotidiano, no pensamento e na fisiologia de seres que pareciam definitivamente atingidos por um *mal du siècle* pior que o romântico. O simbolismo-decadentismo, as personagens «desviadas» de Zola e Huymans (o célebre «Des Esseintes»), ou ainda os livros do austríaco Max Nordau sobre a Degenerescência e sobre o que ele chamou as «mentiras convencionais da sociedade» tinham ecos entre nós em obras de Teixeira de Queirós, principalmente em Abel Botelho (e a sua série de romances intitulada «Patologia Social»), ou ainda em Fialho n'Os *Gatos* (crítico mordaz do decadentismo mas decadente ele mesmo também), nas personagens Edmundo e Honorina d'A *Mulata* de Carlos Malheiro Dias (1896), «criaturas de fim de raça», em Gomes Leal de *Fim de um Mundo* (1899); neste se lê que:

«O Século vai findar na orgia e na demência.  
Reina o luxo e can-can. Caem bancos aos pares.  
Façamos tua autópsia, ó louca decadência!...»

Eça de Queirós oferece-nos um extraordinário quadro *fim de século* num serão no sumptuoso 202 de Jacinto em Paris. Curioso salientar que nessa festa, onde brilham belas mulheres, as Verghane e Oriol, onde pontificam príncipes e um grão-duque, um jovem anarquista afirma faltar ali apenas um general e um bispo para completar o ramallete social «para uma bomba de dinamite... Temos aqui um esplêndido ramallete de flores de civilização, com um Grão-Duque no meio. Imagine uma bomba de dinamite, atirada da porta! Que belo fim de ceia, num fim de século!» E

conclui: «(...) hoje a única emoção, verdadeiramente fina, seria aniquilar a Civilização. Nem a Ciência, nem as Artes, nem o dinheiro, nem o amor podiam já dar um gosto intenso e real às nossas almas saciadas. Todo o prazer que se extraíra de «criar», estava esgotado. Só restava agora o divino prazer de «destruir!»<sup>(3)</sup>. Este desejo de destruir — alternativa do de criar, ou criar em sentido negativo — é característico de uma sociedade decadente, que, à força de verificar a sua impotência para atingir uma felicidade estável, quer agora destruir ou voltar ao zero da criação. E, com efeito, o anarquismo foi um produto do fim de século, uma aberração do socialismo do qual o século tanto esperara. Mas o fim de século é também uma Babel de Filosofias e Estéticas, a que a ironia eciana dá um aspecto pitoresco: «(...) o culto do Eu (...) o Hartmannismo, o Inconsciente, depois o Nietzismo, o Feudalismo espiritual... Depois grassou o Tolstoiismo, um furor imenso de renunciamento neocenobítico, (...) Depois veio o Emersonismo... Mas a praga cruel foi o Ibsenismo. (...). E uma tarde, de repente, toda esta massa se precipita com ânsia para o Ruskinismo!»<sup>(4)</sup>. Era esta a pouco saudável intelectualidade cidadina, ali mesmo na Cidade das Luzes tornada uma cinzenta massa onde o homem *natural* estiola e decai, farto de civilização... Mas não será que Paris e Tormes são os termos de uma dialéctica que continua nos nossos dias? O homem da Era Mecânica e o da Era Electrónica não apelam ambos à redenção pela Natureza, pela Ecologia?! Num século, a sensação crepuscular de fim de raça; no outro, o alarme apocalíptico da morte da biosfera. Num, a denúncia do proletariado do ferro e da mecânica; no outro, as estatísticas de fome e guerra, violência e droga, o terrorismo de direita ou de esquerda, tanto faz — é o mesmo desejo de estilhaçar todo o poder constituído que estava no século passado na base do anarquismo. O negativo do Sonho da Humanidade, que é a Felicidade. Um homem entre nós, Raul Brandão, da geração do fim do século, haveria de exprimir, no grito humaníssimo das suas personagens desgraçadas, o desejo colectivo de Felicidade frustrada, o Sonho, a Quimera, o projecto íntimo de cada um de nós, neste século cada vez mais diluído e abafado em ruidosas multidões e em aparentes interesses colectivos e sem coração.

O Romantismo proclamara, no início do século XIX, o primado do sentimento, das forças ocultas e tumultuárias do coração, e reivindicara o

(3) *A Cidade e as Serras*, ed. cit., cap. IV, p. 83.

(4) *Id.*, cap. VI, p. 109.

direito à introspecção poética e à intimidade. Mas as apoteoses de sentimento, muitas sublimes e universais, outras tornadas lugares-comuns, foram substituídas por análises *científicas* do comportamento, «anatomias do carácter», estas também vulgarizadas e ingénuas. Passada a euforia do Positivismo, que deixara grandes conquistas científicas mas combatera o coração, um novo romantismo, agora mais cerebralizado e nimbado de artificiosos sensualismos e requintes vocabulares («bocados esfumados de verbo e farrapos indecisos de sentimento», escreveu Eça <sup>(5)</sup>), exigia de novo a intimidade, o ideal, o distante, o mistério, a estética do instante, no seu flagrante de luz e cor irrepetíveis. Enfim, o direito à subjectividade, ao qual Jean Jacques Rousseau abriera caminho com o seu estilo confessional e a sua «modernidade» estética, pedagógica e revolucionária, triunfava de novo. O Homem descia de novo ao fundo de si mesmo, não já só aos tumultos do coração, mas a desconcertantes impulsos do instinto e do inconsciente.

A Era Mecânica começara com um cântico à Ciência, ao Progresso, à Revolução, à Felicidade pelo domínio da Natureza.

«Ó máquinas febris! eu sinto a cada passo,  
 Nos silvos que soítais, aquele canto imenso,  
 Que a nova geração nos lábios traz suspenso»  
 (...)

escreveu em 1874 Guilherme de Azevedo n'*Alma Nova*. Mas a geração seguinte, a que pertence a voz dostoievskyana de Raul Brandão, reclama a piedade para com os desgraçados e exige o culto e o respeito pela interioridade. Os mistérios insondáveis do fundo do Eu, que estão agora a abrir as portas à psicanálise (Freud nascera em 1856, é um homem do fim do século) e a uma arte com base nas impressões dos olhos e nas da alma (o impressionismo e o expressionismo), fazem do Homem um ser indefinível, «um bastardo de fantasma e de planta», como diria Nietzsche. E mesmo o próprio Fradique, no seu desencanto de homem de 70 chegado ao fim de século, pensa que o «Homem moderno, esse, mesmo nas alturas sociais, é um pobre Adão achatado entre as duas páginas de um código». (*Correspondência de Fradique Mendes*, Carta I.) Fradique estava, evidentemente, a pensar no homem europeu e numa visão europocêntrica.

(5) *A Cidade e as Serras*.

Se o século XIX foi verdadeiramente o século da Europa — na extensão do seu domínio territorial, civilizacional, cultural e de nível de vida — o final do século XX assiste de novo ao ascender do mito da Europa. Agora há que unir países, primeiro a partir de uma visão economicista, depois integrando esta num quadro mais vasto, onde a cultura, a educação, as línguas, a mobilidade e a renovação competitiva criarão um espaço *uno* e convergente. Mas essa unidade funcional a conter num etos multilingue e ancestralmente diversificado só pode conseguir-se e competir com os *grandes*, como os Estados Unidos e o Japão, se forem atingidos altos níveis de conhecimentos e de produção tecnológica.

O carvão, o ferro, o aço, que sustentaram a era mecânica, dão agora lugar aos materiais sintéticos da alta tecnologia, que estão na base da actual civilização estandardizada do *digital*, do *compacto*, do *laser* — seja para instrumentos de ciência e de produção industrial, seja para os de lazer. Institui-se pois uma era da tecnologia e da informação, que ainda se encontra em desenvolvimento. O *homem tecnológico* da segunda metade do século XX instalou a tecnologia no quotidiano. As certezas ingénuas do Positivismo deram lugar às teorias e questões da Relatividade einsteiniana, ao determinismo substituiu-se o mundo do *relativo* e do *provável*, do *acaso* e da *necessidade*. À *Era Mecânica* do séc. XIX corresponde, por assim dizer, no séc. XX, a *Era do Átomo* que, por um processo de encadeamento de outras eras intermediárias, a da *electricidade*, e já nos nossos dias a da *electrónica*, desembocou na actual *Era da Informática*.

O universo das ciências não pára de desmultiplicar-se, quer no caminho do infinitamente pequeno, quer no caminho do infinitamente distante. Quer no microscópio, quer na sonda espacial, colhendo milhares de informações a distâncias astronómicas. Se em 1880 era espantoso conseguir-se um comboio com um vagão-imprensa através dos Estados Unidos, um século depois, em 1980, a sonda espacial norte-americana *Voyager I* transmite fotografias de Saturno e Carl Sagan entusiasma o público com a sua série *Cosmos*.

Já nem é fácil pensar numa arte ou num saber de síntese para este novo cosmos cultural. Verdades tão inatingíveis na sua totalidade, que já as haviam adivinhado ou pressentido um Kierkegard, um Unamuno, um Machado de Assis, tocados pelo sentimento trágico da existência. Talvez um poeta português, com a força crepuscular que precedeu a sua morte em 1978, Vitorino Nemésio, tenha conseguido cantar, no seu *Limite de Idade* (1972), uma poesia de electrões, moléculas e hormonas, brincando verbalmente com a angústia

do homem moderno e escondendo a sua própria dor. Os biopoemas de Nemésio — como lhes chama Fátima Morna — sublimam os deuses da Ciência moderna e da relatividade num universo ético-cristão e agostiniano de *homo viator* que vem bater à porta de Deus. Para Nemésio, de resto, a consciência da Era do Átomo é contemporânea de uma crise do Homem, conforme o seu livro com este mesmo título: *Era do Átomo — Crise do Homem* (1976).

A Ciência e a Tecnologia beneficiaram o Homem, mas agiram poderosamente na tecnologia de guerra. Foi na segunda metade do século, após as duas grandes guerras, que a violência impessoal e gratuita se generalizou e comercializou, aliada à droga e ao mercenarismo.

No início do séc. XIX as guerras napoleónicas ainda usavam quase os meios de deslocação que os longínquos antepassados romanos, de quem os franceses copiaram a importância do Direito, o valor da Matemática, o culto heróico da guerra e o fausto imperial de épocas decadentes. Mas cem anos avançaram em técnica mais do que todo o milénio anterior: a I Grande Guerra iniciou a tecnologia bélica que tornou todas as guerras potencialmente mundiais porque servidas pela tecnologia e pelos transportes não animais, aperfeiçoados em terra, no mar e no ar. Hoje, o que dá «dimensão» às guerras não é só o número de mortos: é a capacidade de *despersonalizar* o acto de matar, de comandar a morte à distância, de atingir graus cada vez mais sofisticados de eficácia destrutiva. O botão já não mata só o mandarim, como na ficção eciana, mas milhões de seres, animais, plantas, a própria Natureza, as próprias fontes da Vida! O homem do século XX, capaz de enviar impulsos de vida ou de morte, imagens de beleza ou de horror, informações de utilidade ou conveniência, ficou então senhor de um universo a distância, *tele-humano*, comandado por botões, regulado por computadores, veiculado por satélites, talvez pago por anónimas multinacionais. Este *tele-homem* — criação do nosso fim de século! — cidadão triunfante do mundo da tecnologia, é porém vítima de grandes paradoxos e de agónicos dramas. O seu quotidiano recebe informações de triunfos da ciência como de desgraças em países subdesenvolvidos, imagens de alta resolução de uma ópera como de um bombardeamento, de uma grande cadeia de produção, como da fome na Somália... A sua confortável civilização coexiste com o mais primitivo atraso, as suas descobertas médicas e científicas deixam de fora milhões de seres doentes e famintos, a sua requintada *pax urbana* e os seus

eutópicos sonhos comunitários não impedem atávicos conflitos ráticos ou etno-culturais mesmo no seio da velha Europa...

Fala-se de dissuasão de guerra para conquistar a paz das armas, mas constroem-se também formidáveis pacíficas guerras de mercado pela competição industrial e tecnológica. O Oriente invade os mercados ocidentais com produtos compactos e sofisticados do Japão, do Taiwan, de Singapura, da Coreia, de Hong-Kong. Compram-se firmas inteiras para se dominarem mercados e se ficar com o pé dentro da fortaleza, quando o aguerrido mercado comunitário fechar as portas da cidadela. Esta «moderna» guerra, que não exclui, aliás, a ameaça de outras, pode trazer bem subtis processos de destruição da humanidade no quotidiano das relações de trabalho, da família, ou da simples convivência. O *Logos* está ameaçado pela *Têcne*. A Natureza está ameaçada pela máquina, ou seja, o natural ameaçado pelo maquinal, o humano pelo desumano, o individual pelo colectivo, até o nacional pelo comunitário. Que é o *Brave New World* (*O Admirável Mundo Novo*) de Aldous Huxley senão uma alegoria (sob a roupagem da ficção científica...) da civilização artificial «perfeita», controlada, «estável», onde se programam seres, onde os *Beta* são escravos passivos e dóceis dessa Supercivilização?! O *Admirável Mundo Novo*, o *Horizonte Perdido* (*Lost Horizon*, de James Hilton), mesmo *A Cidade e as Serras* — que são senão códigos utópicos e eutópicos de um homem *irreal*, falsos códigos edénicos, porque não podem ser totalmente nem uma coisa nem outra, isto é, nenhum método de felicidade é totalmente eficaz, nem nenhum mal pode durar para sempre. A condição do humano é fluir, a História é imprevisível. Nenhum código de programação deve abafar aquela margem de risco e de imprevisibilidade que faz o homem ser homem.

O quotidiano depende cada vez menos do estilo e da personalidade de cada um de nós, para ser moldado por *modelos* estandardizados e também comandados à distância, forjadas as necessidades para os utentes do consumismo. E este *tele-homem* — «executivos» chamam-se os seus chefes, *consumidores* os seus exércitos — vai percorrer todo o mundo, tendo apenas como única pátria certa a eficácia no negócio. Afasta-se assim cada vez mais do velho humanismo e do homem que percorre a Vida ganhando experiência e Sabedoria, em vez de ser mero consumista, carregado de conhecimentos estandardizados. Em nome do sucesso colectivo, o indivíduo deixa de contar. E cada vez o Homem vale menos pelo seu mundo interior e mais pelo

serviço que presta à comunidade. O velho apelo de Montaigne — *nemo in sese tentat descendere* — tem de novo razão de ser.

A Tecnologia é um conjunto de técnicas para conduzir estandardizadamente bens, instrumentos e serviços. É o braço armado da Ciência e, com ela, completa o domínio positivo das forças que nos rodeiam. Mas a Tecnologia, que é um dos *universais* do nosso tempo fim de século, pode desumanizar. A experiência, que é o campo dos *singulares*, do irrepetível e do inalienável, é que confere ao homem a sua riqueza interior e a sua originalidade.

Esperemos, pois, que o *tele-homem executivo* do nosso quotidiano fim de século ainda vá a tempo de descobrir o que lhe resta de riqueza interior...

*António Manuel Bettencourt Machado Pires*  
Reitor da Universidade dos Açores